

Análise do livro

***Memorial do  
Convento***, de José  
Saramago

---

Marta Gonçalves e Filipa Escada

# Índice

<b>Autor</b>	<b>3</b>
José Saramago	3
<b>Título, epígrafes e linhas de ação</b>	<b>4</b>
O título	4
Epígrafes	4
Linhas de Ação	4
<b>Análise da obra</b>	<b>6</b>
Narrador	6
Ação	7
Tempo	8
Tempo histórico	8
Tempo da narrativa / tempo da ação: 28 anos	8
Tempo do discurso	10
Espaço	11
Personagens	12
D. João V	12
D. Maria Ana de Áustria	13
Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão	13
Domenico Scarlatti	14
O Povo	14
Blimunda Sete-Luas	14
Baltasar Sete-Sóis	15
<b>Acontecimentos importantes na obra</b>	<b>16</b>
A construção do Convento de Mafra	16
A Passarola	17
Relação Blimunda/Baltasar e Rei/Rainha	17
<b>Visão crítica</b>	<b>18</b>
Sátira e crítica social	18
<b>Dimensão simbólica</b>	<b>20</b>
<b>Linguagem e estilo</b>	<b>21</b>
O estilo de Saramago	21
Marcas do discurso saramaguiano	21
Intertextualidade	22

Fernando Pessoa	23
Padre António Vieira	23
<b>Sistematização dos capítulos</b>	<b>24</b>
Capítulo I	24
Promessa do rei	24
Capítulo II	26
Milagres franciscanos	26
Capítulo III	26
Procissão da penitência na Quaresma	26
Capítulo IV	27
Apresentação de Baltasar Sete-Sóis	27
Capítulo V	27
Auto de fé	27
Encontro entre Blimunda e Baltasar	28
Capítulo VI	29
Capítulo VII	29
Capítulo VIII	29
Capítulo IX	29
Capítulo X	30
Capítulo XI	30
Capítulo XII	30
Capítulo XIII	30
Capítulo XIV	31
Domenico Scarlatti e “trindade terrestre”	31
Capítulo XV	31
Capítulo XVI	32
Voo da passarola	32
Capítulo XVII	32
Capítulo XVIII	32
Capítulo XIX	33
Epopéia da Pedra	33
Capítulo XX	33
Capítulo XXI	33
Capítulo XXII	34
Capítulo XXIII	34
Capítulo XXIV	34
Capítulo XXV	34
Peregrinação de Blimunda durante 9 anos em busca de Baltasar	34



## Autor

### José Saramago

José Saramago nasceu a 16 de novembro de 1922, em Azinhaga, Golegã. Abandonou o ensino secundário devido a dificuldades económicas mas o seu trabalho de autodidata permitiu-lhe adquirir um saber literário, cultural, filosófico e histórico notável. Exerceu diferentes atividades, dedicando-se, a partir de 1975, exclusivamente à escrita. Consagrou-se, na década de 80, como romancista. Em 1998, José Saramago foi o primeiro escritor português a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura. A sua obra, notavelmente premiada, encontra-se traduzida em diversas línguas.

## Título, epígrafes e linhas de ação

No romance *Memorial do Convento*, é feita uma revisitação do passado, da História de forma subversiva.

### O título

O título (*Memorial do Convento*) reveste-se de uma grande carga simbólica, sugerindo, tal como a palavra “memorial” indica, a evocação do passado por meio da memória, remetendo para a construção do convento. Mas este passado histórico é reinventado pelo narrador que o vai cruzar com um passado ficcional possível e também fantástico, no qual o protagonismo é retirado às figuras históricas canónicas e é dado ao povo, à massa anónima dos construtores do convento. O esforço coletivo foi, então, o motor da História.

Assim, a obra permite-nos “ver o tempo de ontem com os olhos de hoje”, segundo a visão/interpretação de Saramago.

### Epígrafes

“Para a forca hia um homem: e outro que o encontrou lhe dice: Que he isto senhor fulano, assim vay v. m.? E o enforcado respondeo: Yo no voy, estes me lleban.” - Padre Manuel Velho

“Sei que caio no inexplicável quando afirmo que a realidade - esta noção tão flutuante -, o conhecimento mais exato possível dos seres é o nosso ponto de contacto, e a nossa via de acesso às coisas que ultrapassam a realidade.” - Marguerite Yourcenar.

As epígrafes antecipam os temas principais que o romance irá abordar: a primeira refere uma condenação inevitável (um homem que foi levado para a forca), simbolizando a realidade opressiva vivida no tempo da obra, à qual os protagonistas conseguem fugir pelo sonho; a segunda, citação de um livro de uma escritora francesa, expõe uma ideia de ligação entre o real e a literatura, a escrita, que parte da realidade para ir além do conhecimento exato.

### Linhas de Ação

As linhas de ação da obra:

"Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido. Era uma vez."

1. "Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento."

Efetivamente, a ação do romance centra-se na construção do Convento de Mafra, como resultado da **promessa que D. João V** fez durante o seu reinado. O autor desenvolve, assim, uma caricatura em torno das figuras históricas (o rei e a rainha). Em oposição aos monarcas, os **trabalhadores** que ajudaram na construção do Convento são valorizados pelo autor.

2. "Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes."

O par **Baltasar/Blimunda** tem uma **história de amor puro** de entrega imediata, como que intuitiva, opondo-se à relação de pouco afeto e meramente para cumprir o seu dever (ter um herdeiro ao trono) entre o rei D. João V e a rainha D. Maria Ana Josefa. Enquanto os monarcas se casavam por uma questão de interesses ("Casam-se filhos daquela com filhos desta") políticos e familiares ("Devota parideira que veio ao mundo só para isso, ao todo dará seis filhos" - visão das mulheres como seres responsáveis por dar à luz e cuidar dos filhos, enquanto os homens desempenhavam cargos de poder), Baltasar e Blimunda representam a sublimação do amor, até mesmo no seu casamento, o qual se resumiu a uma cerimónia simbólica presidida pelo padre Bartolomeu Lourenço, na qual a colher partilhada pelo casal foi o símbolo de partilha do amor.

3. "Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido."

O **padre Bartolomeu** representa uma figura religiosa que encara a ciência como uma força criativa que o ajuda a perseguir o seu sonho - a construção e voo da *passarola* (**o elogio do Sonho**):

- A conjugação dos sonhos, a força do querer, a união das vontades: as 2000 vontades humanas, a vontade de Bartolomeu, de Baltasar e de Blimunda, a "trindade terrestre" → a capacidade libertadora alicerçada na vontade dos homens.

## Análise da obra

### Narrador

#### – Heterodiegético & Focalização **omnisciente**

- Constitui frequentemente o porta-voz dos juízos de valor do autor.
- Apela à cumplicidade do narratário, implicando-o no relato.
- Controla a ação, as motivações e os pensamentos das personagens.
- Possui um conhecimento intemporal: move-se entre o passado e o presente, e antecipa o futuro.
- Exprime as suas reflexões e os seus juízos valorativos - subjetivo e crítico.
- Parodia o passado histórico.
- Assume uma postura de contrapoder: dessacraliza o poder régio e o poder religioso e dá voz aos que não são considerados heróis.

Subnarradores:

#### – Homodiegéticos & Focalização **interna**

- Manifestam visões particulares da realidade, de acordo com as suas características psicológicas e sociais.
- Enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada classe social (detentora do poder ou não), apresentam ideias e valores distintos.
- Utilizam registos particulares de enunciação, apropriados às características que representam enquanto personagens. Constituem frequentemente os porta-vozes dos juízos de valor do autor.
- Apela à cumplicidade do narratário, implicando-o no relato.
- Controlam a ação, as motivações e os pensamentos das personagens.

**Exemplos:** A mãe de Blimunda (capítulo V), o patriarca da cidade de Lisboa, o Rei, Manuel Milho, etc.

## Ação

Plano da narrativa	Acontecimentos	Simbologia
Plano da narrativa histórica	construção do convento de Mafra e do povo que o construiu – resultado de uma promessa do rei (D. João V ) para que a rainha (D. Maria Ana de Áustria) concebesse o herdeiro que tardava (farsa palaciana)	sofrimento e, até mesmo a morte, dos seres humanos que trabalham arduamente na construção do convento. É denunciado o sistema social e político, com destaque para a exploração das classes desfavorecidas; oposição entre opressores e oprimidos.
Plano narrativo da construção da passarola (máquina voadora)	construção de uma máquina capaz de subir ao céu apenas com a vontade humana	espaço de sonho criado para alcançar a liberdade em tempos de Inquisição; elogio do sonho de voar.
Plano narrativo da história de Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas	juntos, pelo amor, tornarão a terra habitável	o amor verdadeiro, bem diferente do amor contratual do rei e da rainha.

- Este romance narra a proeza dos operários que construíram o Convento de Mafra e relata, paralelamente, a aventura de construção da passarola voadora pelo padre Bartolomeu Gusmão, ajudado por Baltasar e Blimunda.
- Na abordagem do assunto Histórico, a reconstituição do passado faz-se de forma exata e documentada e combina-se também, no real quotidiano, o sobrenatural e o fantástico, problematizando o sentido e o devir da ação humana.

A narrativa está focalizada na história de amor de Baltasar Sete-Sóis, soldado maneta a trabalhar no estaleiro do convento, e de Blimunda Sete-Luas, uma visionária que capta as vontades humanas.



## Tempo

Embora apresente uma visão crítica e sarcástica da sociedade portuguesa da primeira metade do século XVIII, *Memorial do Convento* constitui sobretudo uma reflexão intemporal sobre a condição humana. Percebe-se, por isso, que não seja concedida uma grande importância ao tempo cronológico. Na obra, as referências temporais são escassas e surgem quase sempre de forma indireta...



## Tempo histórico

A história começa por volta de 1711 (séc. XVIII), sensivelmente 3 anos após o casamento de D. João V com D. Maria Ana Josefa de Áustria, e termina 22 anos depois (1739), aquando da realização do auto-de-fé, no qual morreram António José da Silva e Baltasar Mateus.

## Tempo da narrativa / tempo da ação: 28 anos

Algumas referências temporais:

<b>1711: Início da narrativa</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- “D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria”: casamento em 1708.</li><li>- "S. Francisco andava pelo mundo, precisamente há quinhentos anos, em mil duzentos e onze".</li><li>- D. João V nasceu em 1689: "um homem que ainda não fez vinte e dois anos".</li><li>- Baltasar e Blimunda conhecem-se no auto-de-fé.</li></ul>
<b>1713</b>	Partida do padre Bartolomeu para a Holanda.
<b>1717</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Regresso do padre: “três anos inteiros haviam passado desde que partira”;</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Bênção da primeira pedra do convento:</b> "(...) aí o dia seguinte, retome-se a exclamação, dezassete de Novembro deste ano da graça de mil setecentos e dezassete, aí se multiplicaram as pompas e as cerimónias no terreiro (...). Foi a pedra principal benzida (...)" (pp.134-135)</li> </ul>
<b>1728</b>	D. João toma a decisão de aumentar o convento: "Durante todos estes anos, onze já vão vencidos".
<b>1729</b>	<p><b>Casamentos de D. José com a infanta espanhola Mariana Vitória e da infanta Maria Bárbara com o príncipe D. Fernando, que será VI de Espanha:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- "(...) nos primeiros dias deste mês de Janeiro de mil setecentos e vinte e nove (...)" (p. 299)</li> </ul>
<b>1730</b>	<b>Sagração do Convento:</b> "chegou o mais glorioso dos dias, a data imorredoura de vinte e dois de outubro do ano da graça de mil setecentos e trinta".
<b>1711-1724</b>	<b>Construção da passarola</b>
<b>1739: Fim da narrativa</b>	A narrativa termina nove anos depois da sagração do Convento de Mafra: "Nove anos procurou Blimunda." (p. 355)

### Tempo do discurso

O narrador utiliza, frequentemente, anacronias (desencontros entre a ordem cronológica dos acontecimentos e a ordem pela qual são narrados), para fazer avançar a ação.

<b>Prolepse</b>	<p>O narrador anuncia o futuro de algumas personagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- morte do sobrinho de Baltasar, bem como a do infante D. Pedro; morte da mãe de Baltasar.</li> <li>- “[...] morrerá o infante D. Pedro quando chegar à mesma idade [...]”</li> <li>- “[...] não sabia então que ali viria a trabalhar um dia próximo [...]”</li> </ul> <p>Comentários do narrador e comparações entre épocas históricas distintas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- alusão à extinção dos autos-de-fé, à revolução do 25 de Abril, referência à ida à lua.</li> </ul>
<b>Analepse</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Batalha de Jerez de los Caballeros;</li> <li>- Juventude do padre Bartolomeu em Portugal.</li> </ul>
<b>Elipse</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Salto no tempo de 9 anos: “Durante nove anos, Blimunda procurou Baltasar”.</li> </ul>
<b>Sumário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A busca de Blimunda: sabe-se que foi ininterrupta e que todos os lugares do país foram percorridos.</li> </ul>

## Espaço

Em *Memorial do Convento* há uma evocação histórica de um espaço e tempo.

Pretende-se reconstituir um cenário da época através das procissões, autos de fé, cortejos, touradas, festas e outeiros.

Os dois macroespaços fundamentais ao desenvolvimento da ação são Lisboa (espaço da corte, do poder) e Mafra (espaço da construção). Os microespaços abarcam zonas da capital e arredores. Através de algumas datas apontadas pelo narrador é possível acompanhar a evolução cronológica da narrativa mas a evolução temporal é sugerida muito mais pelas transformações sofridas pelas personagens, do que pelos marcos cronológicos.

Espaço físico	Espaço social	Espaço psicológico
<p>Lisboa e Mafra são as cidades que servem de cenário à ação principal, embora as personagens passem por outros locais e encontremos relatos no texto dessa passagem.</p> <p>Lisboa e Mafra são os macroespaços. Mafra é o espaço que faz a ligação com os factos históricos. Os microespaços relacionados com Mafra são o Alto da Vela (local escolhido para a construção do Convento), Pero Pinheiro (palco do episódio do transporte de uma grande pedra para o Convento), Serra do Barregudo, Serra de Montejunto e Torres Vedras.</p> <p>Lisboa serve de palco e cenário das injustiças sociais. Relacionados com Lisboa existem microespaços que se destacam, tais como o Terreiro do Paço, o Rossio e São Sebastião da Pesqueira (local onde se construiu a passarola).</p>	<p>É construído pelo relato de momentos e o percurso de personagens representativas de um grupo social. Por exemplo, os autos de fé (Rossio) e as touradas mostram os gostos desumanos e cruéis do povo; a morte dos condenados é festejada; a procissão da Quaresma (Lisboa) mostra os excessos praticados no Entrudo, a penitência física; o trabalho no convento (Mafra) simboliza o espaço da servidão humana.</p>	<p>O espaço psicológico é traduzido pela interioridade das personagens. Revelado através de sonhos e pensamentos. Por exemplo, os sonhos de Baltasar quando lavrava o alto da Vela; pensamentos de padre Bartolomeu sobre o voo da passarola.</p>

## Personagens

As personagens dividem-se em referenciais (históricas) e ficcionais. As **referenciais** pertencem à História, representam a classe dominante e o alto clero, mas são objeto de sátira. As **ficcionais** são as personagens criadas pelo autor que interatuam com as reais tornando-se verosímeis. São símbolo do contrapoder, do amor, do sonho e da utopia.

A intencionalidade do autor de *Memorial do Convento* é tornar memorável o sofrimento e a dor, a tortura e a tirania exercida sobre milhares de homens que ajudaram a construir o convento. A **personagem central do romance é o povo** trabalhador, maltratado e a viver em extrema pobreza. A individualização dos nomes, pretende demonstrar que os trabalhadores eram seres humanos com rosto e vida própria que renunciaram à sua identidade para tornar possível a vontade do rei megalómano.



Personagens históricas (referenciais)

### D. João V

- Personagem histórica: Rei de Portugal de 1706 a 1750;
- Representa o **poder real absolutista e prepotente**;
- Mantém com a rainha apenas uma relação de "cumprimento do dever", por acordo político;
- Mostra-se preocupado com a falta de um herdeiro legítimo, apesar de ter bastardos;
- **Megalómano**, vaidoso e movido pelo fanatismo religioso, manda construir e depois ampliar um convento em Mafra;
- Pretende ser um déspota esclarecido, a exemplo de alguns monarcas europeus da sua época (favorece, durante algum tempo, o projeto de Bartolomeu de Gusmão e contrata Domenico Scarlatti para ensinar música à sua filha).

O rei D. João V, apesar de ser ainda jovem, apresenta-se como um rei absolutista, **poderoso, prepotente e caprichoso**, características evidentes na maneira como se serve do seu poder para expressar todo o tipo de ordens, sejam elas razoáveis ou não, na forma como impõe a

inauguração do convento na data que deseja por capricho, ainda que seja alertado para o atraso das obras, e no modo como obriga os homens válidos de todo o país a irem trabalhar à força para Mafra.

Por outro lado, a sua **megalomania, inconsequência e displicência** na gestão dos recursos do reino é visível, primeiro, por querer construir em Lisboa uma obra da envergadura da Basílica de S. Pedro, depois, por ter aumentado a capacidade do convento de 80 para 300 frades, quando viu impossibilitada a sua intenção primeira, ainda que tenha sido alertado para o facto de a situação económica da coroa não ser favorável a empreendimentos desta envergadura.

Por fim, a **infantilidade** do rei é evidente, por exemplo, no facto de despender longos períodos de tempo na construção de uma réplica em miniatura da basílica de S. Pedro e a sua **infidelidade** é facilmente constatável no facto de o rei manter diversas relações extraconjugais, das quais resultaram vários filhos bastardos.

### D. Maria Ana de Áustria

- Representa a **mulher aristocrata presa às convenções sociais**;
- Princesa austríaca, cuja missão é dar filhos ao rei;
- Mantém uma relação cerimoniosa com o marido; mulher virtuosa, submissa e frágil;
- Impossibilitada de assumir a sua sensibilidade, sonha com o seu cunhado D. Francisco, daí resultando sentimentos de culpa;
- Vive num ambiente social repressivo do qual não se consegue libertar.

### Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão

- Representa a **elevação ao divino da vontade humana**.

O Padre Bartolomeu era um homem influente, frequentador da corte, tendo exercido várias funções. Embora fosse apelidado de forma jocosa de Voador por ter feito voar balões no Paço, o seu projeto foi apadrinhado pelo rei D. João V, que lhe cedeu para o efeito a quinta do duque de Aveiro, em S. Sebastião da Pedreira.

Ainda assim e apesar de todas as suas aptidões, não foi ele, mas antes o músico **Domenico Scarlatti que foi encarregue por D. João V de ensinar a infanta Dona Maria Bárbara a tocar cravo**.

Entretanto, o Padre começa a duvidar de um dos dogmas mais importantes da Igreja Católica – o da Santíssima Trindade – que defende que, apesar de Deus ser uno em essência, é trino em pessoa, ou seja, Deus é uma unidade composta pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito

Santo. Esta dúvida que o assalta leva-o a ser perseguido pela Inquisição e a fugir para Espanha, onde acabou por morrer louco.

- O seu sonho de voar, possível graças ao apoio de D. João V, e as suas certezas científicas fazem dele *persona non grata* para a Inquisição que o acusa de bruxaria;
- Constrói a passarola com a ajuda de Baltasar, Blimunda e Domenico Scarlatti;
- A passarola funciona como uma antítese do convento: a sua construção envolve entusiasmo e solidariedade entre os seus construtores e aparece associada a uma história de amor;
- A sua morte em Toledo é anunciada a Baltasar e a Blimunda pelo músico Scarlatti.

### Domenico Scarlatti

- Representa **o poder transcendente da arte**; o fator arte que vem juntar-se à ciência do padre, ao esforço físico de Baltasar e à magia de Blimunda;
- a sua música funciona como cura para Blimunda;
- torna-se cúmplice do projeto da passarola, mas apenas assiste à partida do objeto voador, não podendo partilhar o sonho até ao fim;
- a sua música simboliza o ultrapassar, por parte do ser humano, de uma materialidade excessiva e o atingir da plenitude da vida.

### O Povo

- É o **herói coletivo que cumpre a tarefa colossal da construção do convento**.
- Personagem importante que construiu, à custa de muitos sacrifícios e de mortes, o Convento de Mafra;
- surge como verdadeiro responsável pela realização do sonho de D. João V.

### Personagens fictícias

### Blimunda Sete-Luas

- Representa **o transcendente e a inquietação humana**.
- Possui a capacidade de ver o interior das pessoas, conferindo à narrativa mistério e magia;
- conhece Baltasar quando assiste à partida de sua mãe para o degredo, acusada de feitiçaria;
- ajuda na construção da passarola;
- a sua relação amorosa com Baltasar foge às convenções, subvertendo a moral tradicional e entrando no domínio do maravilhoso;
- simboliza a resistência.

## Baltasar Sete-Sóis

- Representa **a condição humana e a crítica do narrador à desumanidade da guerra.**
- Uma das personagens que possui maior densidade psicológica;
- depois de deixar o exército, por ficar maneta em combate, mendiga em Lisboa e aí conhece Blimunda Sete-Luas com quem partilhará a sua vida;
- partilha do sonho da passarola voadora do Padre Bartolomeu de Gusmão, ajudando a construí-la e participando no seu primeiro voo;
- em Mafra, trabalha na construção do convento;
- entre a sua alcunha e a de Blimunda, estabelece-se uma relação de complementaridade, remetendo o número sete para a ideia de perfeição e de totalidade, simbolizando o Sol e a Lua, a união do masculino e do feminino;
- acaba condenado à fogueira num auto de fé;
- funciona como símbolo do povo oprimido.



## Acontecimentos importantes na obra

### A construção do Convento de Mafra

Desde os princípios do século XVII, os franciscanos tentavam arrecadar fundos para a construção de um convento em Mafra e, em **1711**, acabaram por o conseguir.

Confrontado com a dificuldade da rainha D. Ana Maria Josefa em engravidar e movido pelas palavras do bispo inquisidor, D. Nuno da Cunha, e do visionário frei António de S. José, o rei **D. João V vê-se forçado a prometer a construção de um convento para os franciscanos caso a rainha lhe desse um filho no prazo de um ano.**



**Crítica aos franciscanos e à ingenuidade de D. João V**, pois está implícito que algum franciscano saberia que a rainha já estava grávida, uma vez que alguns deles eram confidentes da rainha, e se aproveitou disso para que se pudesse erguer o convento.

Este projeto, começado oficialmente em 1717 (quando foi lançada a primeira pedra), acabou por acarretar **custos muito elevados** por se tratar de uma obra de grande envergadura, custos esses que se constituíam como um peso enorme para as finanças portuguesas. Para além disso, destaca-se também a compra/venda de terras em Mafra necessária devido à construção do convento (cap. X: o pai de Baltasar relata-lhe as negociatas que envolveram as vendas compulsivas dos terrenos para a construção do convento).

De facto, ainda que na altura chegassem a Portugal bens valiosos das diversas colónias que constituíam o império português, a verdade é que o guarda-livros da coroa chama a atenção do rei para o facto de a situação económica do país não comportar gastos tão avultados como os decorrentes desta construção.

No entanto, o rei ignora a situação e prossegue com o seu projeto que só acabou por ser bem-sucedido graças ao **esforço hercúleo, ao espírito de sacrifício e abnegação e à opressão infligida sobre o povo** – o verdadeiro obreiro do empreendimento. Para além disso, de acordo com o projeto inicial, o convento destinava-se a abrigar 13 frades e acabou por ser ampliado para que pudesse comportar 300 religiosos mais a família real e a corte. Embora o convento não estivesse finalizado, o rei fez questão que a sua inauguração se realizasse no dia do seu aniversário (22 de outubro de 1730).

Todo o convento é marcado por influências estrangeiras, como era costume no Portugal do século XVIII (**crítica à imitação excessiva do estrangeiro**).

## A Passarola

O grande mentor do projeto da Passarola é o padre **Bartolomeu Lourenço** (e não o músico Scarlatti a quem o segredo foi confiado posteriormente pelo próprio padre), que já era conhecido pelos seus antecedentes nesta área, tendo-lhe mesmo sido atribuído a este respeito o epíteto de *Voador*.

Para este empreendimento, o Padre contou com **Baltasar**, que assumiu o papel de executor da obra, e com **Blimunda** que, servindo-se do seu dom (o de conseguir ver as coisas por dentro), não só fazia a vistoria à Passarola, percebendo as fraquezas da construção, como foi responsável pela recolha de vontades (e não almas) que se desprendessem dos homens, 2000 no total, usando para o efeito um frasco com uma pastilha de âmbar amarelo que possuía a faculdade de atrair o éter, elemento imprescindível para que a Passarola voasse, e que o Padre descobriu na Holanda que vivia dentro dos homens e das mulheres, sob a forma de uma nuvem fechada, e que mais não era do que a vontade dos vivos, que se pode separar do homem ainda em vida ou na hora da sua morte.

Graças à sua dedicação, esforço e crença, a Passarola acabou por voar, tendo sobrevoado Mafra e acabado por cair em Monte Junto, local que Baltasar passou a revisitar de quando em quando para se certificar da segurança do invento, após o padre ter desaparecido.

## Relação Blimunda/Baltasar e Rei/Rainha

Enquanto **a relação de Baltasar e Blimunda se pauta pela existência de um amor profundo e verdadeiro**, que para se efetivar não careceu do formalismo do casamento, que se manifesta a todo o instante e que perdura para além da morte, **a relação do rei e da rainha destaca-se pelo formalismo e convencionalismo, bem como pela ausência de intimidade, de cumplicidade e de um sentimento verdadeiro e puro**, pelo que a rainha sonha com outros homens e o rei dorme com outras mulheres.

Até o próprio ato sexual de D. João V e de D. Maria Ana Josefa reveste-se de um enorme formalismo, como se de um ritual se tratasse (e daí os preparativos ou a condução da rainha pelo rei até à cama, quase como se fosse uma procissão), sendo visível que não passa de um ato protocolar, com um objetivo preciso – o de fecundar a rainha – e sem intimidade, já que há um conjunto de criados que de alguma forma estão envolvidos na situação.

Além disso, entre ambos não se vislumbra nenhuma troca de carinhos e, findo o ato, o rei não dorme na mesma cama da rainha; já entre Baltasar e Blimunda, é notório que há uma entrega total, decorrente apenas da vontade de ambos, sem qualquer outro propósito se não o do prazer, constituindo-se, por isso, como uma relação mais livre, mais sincera e mais pura.

## Visão crítica

O título *Memorial do Convento* tem duplo valor simbólico: a evocação do passado e o universo mágico criado pela ficção. Entrecruzam-se a grandiosidade do poder absoluto, o sonho e a utopia. A dimensão simbólica da obra está na reinvenção da História para fazer o leitor refletir sobre o momento presente e extrair moralidade para o futuro.

## Sátira e crítica social

Ao longo da obra "Memorial do Convento", perpassa a visão crítica de Saramago sobre vários aspetos da sociedade. Opõe-se alegoricamente a desumana construção do colossal convento, imposta por cumprimento da vontade divina, à construção da passarola, verdadeira metáfora do homem que, pelo sonho e pela vontade, se eleva acima da sua condição. Os objetivos ideológicos da obra são a denúncia e a crítica às mortes durante a construção do convento de Mafra e o excesso de riqueza e luxo da corte e da Igreja.

Entre eles, está o **menosprezo a que os portugueses estavam votados**, sobretudo, nas áreas artísticas e que é visível, por exemplo, no facto de, para o convento de Mafra, D. João V encomendar à Europa todo o tipo de ornamentos e contratar estrangeiros como artífices, cabendo apenas ao seu povo e à sua pátria os trabalhos forçados e matérias-primas básicas como a pedra.

Já a **displacência do rei na gestão dos recursos do reino** é visível não só no facto de os canalizar maioritariamente e de modo supérfluo para a Igreja, negligenciando a miséria a que o povo estava votado, mas também porque, apesar de os avisos do almoxarife sobre a situação financeira do reino, o rei preferir ignorar as suas recomendações e continuar a delapidar a riqueza da coroa nos seus projetos megalómanos.

Saramago denuncia ainda o **desinvestimento na agricultura**, quando faz referência à dependência portuguesa da importação de trigo ou quando nos dá conta das várias hortas que foram arrasadas em Mafra em prol da construção do convento.

Por fim, a imagem de um país com um acentuado **desequilíbrio social** é uma constante em toda a obra, sobressaindo a figura de um povo esfomeado, miserável e oprimido.

Assim, a crítica e sátira social é feita à religião, ao clero, às ordens religiosas, ao povo, à prepotência do rei e às diferenças sociais. Trata-se de uma **caricatura da sociedade portuguesa do tempo de D. João V**.



### **Crítica de costumes do séc. XVIII:**

- Casamentos por conveniência;
- Poder absolutista e opressor;
- Megalomania régia e “escravatura” do povo na construção do convento;
- Esbanjamento dos poderosos e pobreza do povo;
- Fanatismo religioso;
- Vida conventual e hipocrisia clerical;
- Quaresma, procissões, Carnaval, tourada - momentos de evasão.

## Dimensão simbólica

A **Passarola** constitui-se como um bem em prol do desenvolvimento da humanidade, surgindo, por isso, como metáfora do sonho, da liberdade e do progresso humano, ao passo que o **convento** é apenas um símbolo da vaidade e da prepotência de um rei, não trazendo qualquer benefício imediato para o povo, até porque a sua construção esteve dependente de trabalhadores, muitos deles forçados e que suportaram um sofrimento hercúleo, com o intuito de satisfazer o capricho de um rei absolutista e todo poderoso.

Por outro lado, o facto de o invento do Padre nunca ter sido dado a conhecer ao mundo simboliza o obscurantismo vivido na época de D. João V, motivado pela Santa Inquisição, que se constituía como um entrave ao progresso, à liberdade, à vontade e ao sonho.

Por último, resta salientar que o **sol** representa a manifestação divina, ao passo que a **lua** traduz o renascimento, associado à passagem da morte à vida, e que é evidente quer no ciclo lunar quer na influência deste satélite na vida terrena.

<b>Título "Memorial"</b>	significa grandiosidade e tragédia; sugere memórias de um passado (construção do Convento de Mafra).
<b>Convento de Mafra</b>	Uma promessa feita por D. João V esteve na origem da construção do Convento de Mafra. Este projeto megalómano reflete um período de prosperidade económica para Portugal, e simboliza a ambição desmedida deste monarca. Paralelamente, o Convento de Mafra enaltece a miséria e o grande sacrifício dos homens que trabalharam na sua construção para satisfazer um capricho do rei.
<b>Passarola</b>	O Padre Bartolomeu de Gusmão inventou o aeróstato e chamou-lhe passarola (pássaro e balão). D. João V forneceu-lhe os meios económicos para a construção da máquina. A construção de uma máquina voadora — ainda que através de conhecimentos científicos — opunha-se à intolerância religiosa da época. Padre Bartolomeu, por medo da Inquisição, acabou por fugir e enlouquecer. A construção da passarola e a realização do sonho de voar simbolizam a elevação do Homem a uma dimensão divina.
<b>Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete_Luas</b>	Representam a totalidade e perfeição (Sol e Lua); o amor e a complementaridade (masculino/feminino).
<b>Números</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Três</b> - representa a trindade terrestre (Bartolomeu, Baltasar e Blimunda) - o trio representa a amizade e a unidade, o saber, o trabalho e a magia.</li><li>• <b>Sete</b> - totalidade e perfeição.</li><li>• <b>Nove</b> - gestação, renovação (nove anos andou Blimunda à procura de Baltasar).</li></ul>
<b>Música</b>	Poder mágico (eleva o homem e revela poderes curativos).
<b>Vontades</b>	As vontades unidas na mesma causa podem vencer a ignorância, o fanatismo e a intolerância e elevar o homem a uma nova dimensão.
<b>Cobertor</b>	Marca o casamento real por conveniência.

- **Fogo:** símbolo de destruição, mas também de purificação e regeneração (a morte de Baltasar no fogo inquisitorial reenvia-nos para a ideia de libertação do condicionamento humano).

## Linguagem e estilo

### O estilo de Saramago

O estilo saramaguiano é de subversão de convenções, nomeadamente, na **pontuação**. O **estilo oralizante** aproxima narrador e leitor. Pode-se ler *Memorial do Convento* à luz da época e da estética barroca. A imitação do estilo barroco está presente na construção sintática, nas figuras conceptuais e nos exagerados ornamentos retóricos, que em muito contribuem para prender a atenção do leitor. Ao recriar, pelas técnicas da paródia e do pastiche, o cenário histórico, as temáticas e a linguagem da época, Saramago cria o género romance na literatura barroca. Este romance é um elogio ao barroco.

Começa nesta obra o trajeto novelístico de José Saramago, que adota uma técnica de **texto corrido**. Esta técnica integra o discurso das personagens no discurso do narrador, por vezes sem quebra de pontuação ou adotando uma **pontuação subjetiva**. O **narrador**, por sua vez, vai acentuando o **carácter oral** da sua voz e **emite juízos de valor** sobre o texto que escreve. A ausência de pontuação contribui para a pluralidade de vozes que ocorre em diálogo no texto, criando uma espécie de linguagem coral.

O **narrador é heterodiegético e onisciente**, recorrendo a prolepses para falar de acontecimentos futuros. É um narrador com o dom da ubiquidade, pois relata o que está dentro e fora das personagens, sabe o antes e o depois.

### Marcas do discurso saramaguiano

- Hibridismo de tipologias discursivas: **discurso direto, indireto e indireto livre**;
- **Tom oralizante**: tom coloquial, onomatopeias, palavras/expressões populares, polifonia;
- Recursos expressivos mais frequentes (embora não se possa dizer que constituem uma marca do discurso de Saramago): antítese, comparação, enumeração, hipérbole, ironia, metáfora, personificação, adjetivação...

Ironia	– na descrição inicial do relacionamento do rei e da rainha, que tem como objetivo ridicularizá-los;
Recurso à intertextualidade	– através da referência a outros escritores como Camões ou Fernando Pessoa;
Referências religiosas e bíblicas	– dogmas de fé, rituais religiosos, o sagrado e o profano misturam-se;
Discurso expressivos	– hipérbatos, comparações, metáforas, personificações, paralelismo anafórico, enumerações;
Discurso argumentativo	– jogo de palavras e de conceitos, aproximação à prosa barroca - cultismo e concetismo;
Predomínio dos tempos verbais	– presente e futuro;
Uso subversivo da maiúscula	– no interior da frase, no discurso direto;
Persuasão do leitor	– descrições plásticas, subjetivas, sugestões visuais, apelo a todos os sentidos (imagens visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) ;
Riqueza da linguagem	– pela capacidade de reinvenção da escrita, pelo tom de crónica histórica, pela ironia que desperta e provoca o leitor, pelas reflexões, pelos momentos de intimidade poética;
Pontuação	– no discurso direto (diálogo) há ausência do travessão e dos dois pontos; substituição do ponto de interrogação e de outros sinais pela vírgula; o início de cada fala assinalado apenas pela maiúscula;
Marcas da oralidade	– expressões triviais, frases idiomáticas, provérbios, ditados populares, aforismos, humor, ironia
Mistura de discursos	– direto, indireto, indireto livre e monólogo, a lembrar a tradição oral (contador e ouvintes interagem);
Registos de língua	– abunda o nível de língua familiar.

## Intertextualidade

A intertextualidade é o conjunto das relações que um texto concreto (**hipertexto**) estabelece com outros textos (**hipotextos**).

### Modalidades de intertextualidade:

<b>Citação</b>	Passagem de um texto com indicação do autor original e marcada com aspas.
<b>Epígrafe</b>	Fragmento de texto ou frase curta, com indicação da autoria, que surge no início da obra ou de um capítulo, estabelecendo relações com o conteúdo do texto que lhe segue.
<b>Alusão</b>	<b>Referência direta ou indireta a uma obra, situação, personagem</b> , para se fazer compreender ou sugerir algo de forma indireta, o que só é eficaz se a referência for do conhecimento do leitor.

<b>Paráfrase</b>	Explicação do conteúdo de um texto original ou reprodução de um texto ou parte dele explicitamente, por outras palavras, sem alterar a ideia original.
<b>Paródia</b>	Imitação de um texto com alteração do seu sentido original e com a <b>intenção de divertir, ridicularizar ou criticar.</b>
<b>Imitação criativa</b>	Recriação de um texto literário, conferindo-lhe atualidade ou algum tipo de originalidade <b>sem o ridicularizar ou criticar.</b>

### Fernando Pessoa

No entanto, como os versos foram ligeiramente modificados (note-se que em "O Infante" surgem com esta configuração "Em seu trono entre o brilho das esferas, / Com seu manto de noite e solidão, / Tem aos pés o mar novo e as mortas eras — / O único imperador que tem, de veras, / O globo mundo em sua mão"), fazendo-os aplicar de uma maneira jocosa ao rei D. João V, como forma de criticar a sua megalomania e o modo displicente como geria as riquezas do reino, estamos perante a **paródia** e não a citação, que diz respeito à transcrição *ipsis verbis* de frases ou versos de outro autor, pelo que, nestes casos, devem figurar as aspas.

### Padre António Vieira

"É que, entretanto, vão-se mungindo as tetas do bom leite que é o dinheiro, requeijão precioso, supremo queijo, manjar de meirinho e solicitador, de advogado e inquiridor, de testemunha e julgador, se falta algum é porque o esqueceu o padre António Vieira e agora não lembra."



## Sistematização dos capítulos

### Capítulo I

D. João V é casado com D. Maria Ana Josefa, vinda da Áustria, há 2 anos, mas têm tido dificuldades em ter filhos, pois ela não consegue engravidar. Isto causa rumores e traz ao de cima alguns estereótipos da época como o pensamento de que a infertilidade era sempre um problema da mulher, logo se o casal não conseguia ter filhos, era responsabilidade da mulher e, para além disso, não era o homem que tinha de se preocupar muito com isso, pois, apesar de ele querer descendência, era algo que estava no seu poder, portanto se não conseguisse com uma mulher, conseguiria com outra.

- Descrição da Basílica de S. Pedro de Roma, mandada erguer pelo rei, que está em processo de construção.

Numa altura em que o rei se dirigia ao quarto da rainha, com vista a tentarem originar um descendente, muito bem aperaltado, aparece D. Nuno da Cunha, bispo inquisidor, acompanhado pelo frei António de S. José, um franciscano velho. Assim, D. Nuno faz o seu comunicado ao rei: segundo o frei António de S. José, se o rei promettesse erguer um convento franciscano em Mafra, Deus iria conceder-lhe a sucessão por que tanto anseia. D. João prometeu, então, mandar construir esse mesmo convento se a rainha lhe desse um filho no prazo de um ano.

- D. Maria tem sonhos, provavelmente de cariz sexual, com o infante D. Francisco, seu cunhado, nunca contando, obviamente, ao seu confessor.

#### Promessa do rei

Em seguimento das visitas do rei ao quarto da rainha e de D. Maria Ana Josefa não conseguir engravidar, D. João V, já em desespero, faz uma promessa: caso a rainha engravide, construirá um convento em Mafra, como desejado pelos franciscanos.

- “Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos” (pág. 13).

**Ironia do narrador ao falar da relação contratual entre o rei e a rainha:** “O cântaro está à espera da fonte.” (pág. 12)

#### Percevejos e a comicidade da descrição (pág. 15)

Na descrição de uma das “noites” reais do rei e da rainha, podemos identificar a tortura dos percevejos como uma metáfora. Com efeito, o “bichedo” que vem não se sabe de onde atormenta o sono do rei. Assim, comicadamente, percebemos que o sangue “azul”, real, não é nem melhor, nem pior, do que o sangue do povo.

- “Em noites que vem el-rei, os percevejos começam a atormentar mais tarde por via de agitação dos colchões, são bichos que gostam de sossego e gente adormecida. Lá na cama do rei estão outros à espera do seu quinhão de sangue, que não acham nem pior nem melhor que o restante da cidade, azul ou natural” (pág. 15).
- “Fique D. Maria Ana em paz, adormecida, invisível sob a montanha de penas, enquanto os percevejos começam a sair das fendas, dos refegos, e se deixam cair do alto dossel, assim tornando mais rápida a viagem” (pág. 16).

### **Os sonhos do rei e da rainha**

Por um lado, o sonho de D. Maria Ana “é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente [...], enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, [...] dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra” (pág. 16).

Por outro lado, o sonho de D. João V é “dissipar-se a árvore [de Jessé, frondosa e povoada dos ascendentes de Cristo até ao mesmo Cristo] e em seu lugar levantar-se, poderosamente, com altas colunas, torres sineiras, cúpulas e torreões, um convento de franciscanos, como se pode reconhecer pelo hábito de frei António de S. José, que está abrindo, de par em par, as portas da igreja” (pág. 17).

O narrador faz, então, uma descrição fotográfica e “antiteticamente torturante” dos sonhos da rainha e seus receios e do rei e sua certeza de um herdeiro da coroa real (e consequente construção do Convento).

### **Voz do narrador/autor. Ironia. Crítica.**

- “Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente [...]” (página 9).
- “Não é vulgar em reis um temperamento assim, mas Portugal sempre foi bem servido deles.” (pág. 17)

## Capítulo II

- **Concretização do “milagre” da gravidez da rainha e, conseqüentemente, da promessa de edificação do convento.**

### Milagres franciscanos

- Referência ao caso da morte do frei Miguel da Anunciação; Paroquial de Santa Maria, na qual ocorriam **milagres** após a morte do mesmo, os quais terminaram quando o corpo foi levado, 3 dias depois - **milagres atribuídos aos frades franciscanos**;
- Na época, havia muitos ladrões e acreditava-se que Santo António conseguia deter alguns;
- Assalto à Igreja em Lisboa: culpavam Santo António, pois os ladrões levaram lâmpadas de prata, mas não tocaram nem com um dedo na prata que rodeava o Santo e, portanto, decidiram castigar o Santo. No dia a seguir ao assalto, apareceu um estudante, que tinha intenções de ganhar o hábito de frade, o que acabou por conseguir, a dizer que as tais lâmpadas tinham sido entregues no mosteiro da Cotovia, em S. Roque. O estudante tinha razão, mas acabou por não se descobrir o culpado do crime;

## Capítulo III

### Procissão da penitência na Quaresma

- Contrastes sociais: excesso de riqueza *versus* miséria extrema. Ainda assim, “ a quaresma, como o sol, quando nasce, é para todos”;
- (após os excessos do entrudo): a sua descrição permite evidenciar a coexistência de práticas profanas e sacrílegas com outras de caráter religioso, bem como a liberdade de comportamento dada às mulheres, ainda que casadas, durante a Quaresma



**Crítica:** comportamentos dos penitentes, das mulheres, e mentalidade masculina (que fecha os olhos ao desregramento feminino).

- No fim da Quarentena, restabelece-se a velha ordem: as mulheres regressam aos trabalhos domésticos e os homens reassumem a autoridade.

## Capítulo IV

### Apresentação de Baltasar Sete-Sóis

Baltasar Mateus, homem de 26 anos, está vestido com umas vestes muito rudimentares e vem descalço. Foi mandado embora do exército após ter perdido a mão esquerda em combate, logo teve de começar a viver da esmola que pedia em Évora para conseguir pagar o gancho de ferro que iria substituir a sua mão (**crítica implícita pelo facto de Baltasar ter perdido a sua mão em prol do seu trabalho e depois disso ter sido desvalorizado e mandado embora**). Já em Lisboa, trava amizade com outro antigo soldado, João Elvas, e procuram um lugar para dormir, acabando por ficar num telheiro no qual já se encontram mais seis miseráveis como eles. Falam sobre os crimes e perigos de Lisboa: “isto é terra de muito crime, morre-se mais que na guerra”.

## Capítulo V

- **A procissão de um auto de fé, no Rossio, na qual Baltasar trava conhecimento com Blimunda e com o padre Bartolomeu Lourenço** (crítica feita à Igreja por parte do narrador, nomeadamente quando ele demonstra ter alguma empatia com Sebastiana Maria de Jesus);
- **Ritual do “casamento” e a consumação do amor entre o casal.**

### Auto de fé

O dia de auto-de-fé era um dia de alegria para o rei e a corte, para os inquisidores e para o povo em geral. No entanto, para D. Maria Ana não foi: permaneceu nos seus aposentos, pois estava de luto pelo seu irmão José, imperador austríaco, e sofria dos enjoos naturais da gravidez. Estas foram as desculpas apresentadas, mas o narrador questiona se estas terão sido as verdadeiras razões para o não comparecimento da rainha.

**EXCERTO:** “E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Rossio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto de fé, nunca se chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem. Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha, com o seu vermelhão nas faces e no colo, fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena e espremida, visagens várias e todas viradas para a rua, a si próprias se interrogando as damas se estarão seguros os sinaizinhos do rosto, no canto da boca o beijocador, na borbulhinha o encobridor, debaixo do olho o desatinado, enquanto o pretendente confirmado ou suspirante em baixo se passeia, de lenço na mão e circulando a capa. [...] El-rei, com os infantes seus manos e suas manas infantas, jantará na

Inquisição depois de, terminado o ato de fé, e estando já aliviado do seu incómodo honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafrado, de manjar-branco, e enfim doces fritos e frutas do tempo. Mas é tão sóbrio el-rei que não bebe vinho, e porque a melhor lição é sempre o bom exemplo, todos o tomam, o exemplo, o vinho não.”

Nesta passagem, o narrador faz uma descrição muito visual de um auto de fé. Percebe-se, pelas palavras do narrador, que o sentimento que o invade é a **ironia**.

Na verdade, o narrador distancia-se da ação e ironiza a reação das personagens face ao que ocorre naquele local, ridicularizando a vaidade de certas personagens e a falsa sobriedade do rei.

A natureza mórbida do evento descrito colide com as expressões "hoje é dia de alegria geral", "duas vezes em festa por ser domingo e haver auto de fé" ou ainda "nunca se chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem".

## Encontro entre Blimunda e Baltasar

Sebastiana Maria de Jesus, mãe de Blimunda, ia ser condenada a ser açoitada em público e a 8 anos de degredo em Angola, pois foi acusada de feitiçaria, entre outras coisas.

É Sebastiana de Jesus que, comunicando telepaticamente com a filha, **Blimunda**, durante o auto de fé a que esta, o padre Bartolomeu e **Baltasar** assistem, a leva a perguntar o nome a Baltasar, estabelecendo-se, assim, o primeiro contacto entre a vidente e aquele homem que a mãe antevê que se relacionará com ela, pelo que não é o padre Bartolomeu Lourenço o responsável pela relação que se irá manter entre os dois.

Depois deste primeiro contacto, Baltasar segue Blimunda até casa, consumando-se a união entre os dois, quando Blimunda perde a virgindade e se entrega a Baltasar. No entanto, e ainda que o soldado desconfie que aquela mulher o tenha enfeitiçado e tornado dependente dela, Blimunda assegura-lhe que nunca olhou Baltasar por dentro, prometendo nunca o fazer, promessa que cumprirá até ao fim e que só quebrará quando, ao fim de 9 anos de procura intensa pelo companheiro, após este acidentalmente ter voado novamente na Passarola, o reencontra na sétima vez em que passava por Lisboa e o vê a ser consumido pelo fogo num auto de fé no Rossio.

Imediatamente, apercebendo-se do fim carnal de Baltasar, Blimunda recolhe a sua vontade antes que ela pudesse ascender aos céus, de forma a manter o amor e a união entre ambos, o que sugere que, enquanto viver, Sete-Luas estará sempre acompanhada de Sete-Sóis.

## Capítulo VI

- O capítulo inicia-se com uma referência à carência de alimentos que o povo português tinha naquela época, a qual só era minorada com a importação de produtos estrangeiros;
- **Convite do padre (“O Voador”** - tinha esta alcunha, pois já tinha feito subir alguns balões) **a Baltasar para o ajudar na construção da máquina voadora**, enaltecendo as qualidades do seu gancho de ferro (“Com essa mão e esse gancho podes fazer o que quiseres”).

## Capítulo VII

- **Nascimento e batizado** da filha de D. João V e D. Maria Ana, a **infanta D. Maria Bárbara** - o rei não ficou muito contente (“D. João V vai ter de contentar-se com uma menina”);
- Reafirmação da promessa do rei.

## Capítulo VIII

- Revelação de Blimunda a Baltasar sobre os seus poderes visionários (“Eu posso olhar por dentro das pessoas (...) Não vejo se não estiver em jejum (...) O meu dom não é heresia, nem é feitiçaria, os meus olhos são naturais”);
- Nascimento do segundo filho do casal real, o **infante D. Pedro**;
- Escolha do **Alto da Vela**, em Mafra, para a edificação do convento, por ser um local com vista para o mar, no qual “correm águas abundantes e dulcíssimas para o futuro pomar e horta”.

## Capítulo IX

- Mudança de Baltasar e Blimunda para **S. Sebastião da Pedreira (Quinta do Duque de Aveiro)**, local onde decorrem os trabalhos de construção da “passarola”;
- Atribuição a Blimunda do nome **Sete-Luas**;
- Viagem do padre à Holanda para aprender “a arte de fazer descer o éter do espaço, (...) porque sem ele a máquina nunca voará”);
- Descrição da **tourada** no Terreiro do Paço (acontecimento de lazer que encanta tanto os poderosos como os mais desfavorecidos): organização confusa da praça e ricamente enfeitada, delírio dos homens e mulheres, prática de mantas de fogo sobre os touros, tortura dos coelhos e das pombas.
- Partida de Blimunda e Baltasar para a casa paterna do mesmo, em Mafra.

## Capítulo X

- Apresentação de Blimunda à família de Baltasar;
- **Morte e funeral do príncipe D. Pedro e do sobrinho de Baltasar** - dicotomia entre os dois, uma vez que D. Pedro era rico, mas não foi acompanhado pelos seus familiares no seu funeral, enquanto o sobrinho de Baltasar era pobre, mas tinha o amor da sua família;
- Nascimento do 3º filho do casal real, o **infante D. José**;
- **Doença de D. João V**;
- Intenções do infante D. Francisco de seduzir D. Maria Ana Josefa e de subir ao trono - “Então, morrendo meu irmão, casamos”. O rei acaba por se curar, mas a rainha nunca mais terá sonhos eróticos com o cunhado, pois percebe que ele é ainda mais repugnante que o rei, apenas lhe interessa o poder e não o amor (“ depois o rei sarará, mas os sonhos da rainha não ressuscitarão”).

## Capítulo XI

- Regresso do padre da Holanda após 3 anos: revelação do segredo que possibilitará o voo da “passarola”;
- **Início dos trabalhos de construção do convento.**

## Capítulo XII

- Bênção da primeira pedra do convento presidida por D. João V;
- Regresso de Blimunda e Baltasar a S. Sebastião da Pedreira a fim de recomeçarem os trabalhos na “passarola”;
- **Paralelismo entre as pessoas do povo que eram subjugadas na construção do convento e os três personagens a trabalharem na construção do sonho - da “passarola”.**

## Capítulo XIII

- Decurso dos trabalhos de construção da passarola (Baltasar e Blimunda iam construindo e o padre, quando podia, ia ter com eles para dar orientações): início da recolha das “vontades” por Blimunda - serão necessárias pelo menos duas mil vontades para a máquina voar. O padre comunica-lhes também que ia ser “doutor em cânones” e se iria chamar Bartolomeu Lourenço de Gusmão;
- Realização da procissão do Corpo de Deus - junho.

## Capítulo XIV

Entretanto, o padre Bartolomeu já voltou de Coimbra e vive em Lisboa em casa de uma mulher viúva.

### Domenico Scarlatti e “trindade terrestre”

- **Revelação a Domenico Scarlatti**, que veio de Londres propositadamente para ser professor de música da infanta D. Maria Bárbara, do **projeto da máquina** voadora;
- Scarlatti refere-se ao padre, a Baltasar e a Blimunda como sendo uma **“trindade terrestre”**. No entanto, o padre afirma que ele e Baltasar têm a mesma idade, logo não poderiam ser pai e filho, quanto muito seriam gémeos, o que também não é possível, pois ele nasceu no Brasil e Baltasar em Mafra e não têm parecenças físicas. Quanto ao Espírito, seria Blimunda - ela seria a que estaria mais perto de fazer parte de uma trindade não terrenal.
- Bartolomeu Lourenço compõe o sermão do Corpo de Deus.

## Capítulo XV

- Referência às 4 vidas diferentes do padre Bartolomeu: a do religioso, a do académico, a do inventor e a do homem que conjuga a oratória, a erudição, a vida cortesã, o visionarismo e a cumplicidade com o povo;
- **Epidemia da cólera e da febre-amarela** em Lisboa: **recolha das “vontades”** por Blimunda (consegue mais de 2 mil - permitirá elevar as duas esferas de âmbar da passarola);
- Referência a alguns rituais de cura e “milagres”, destacando-se o de madre Teresa da Anunciação, que recorre à corda da cintura de Cristo para superar a carência do açúcar, o qual necessitava para os seus confeitos;
- **Doença de Blimunda** (exaustão devida à recolha das vontades): **cura por meio da música de Scarlatti**.
- Depois de as vontades estarem recolhidas e os trabalhos terminados, Baltasar e Blimunda recorrem ao padre para decidir o próximo passo, ao que ele responde: “terei de informar el-rei de que a máquina está construída, mas antes haveremos de experimentá-la” ➡ **ambiguidade do rei: por um lado, é muito criticado pelo narrador devido a várias características e atitudes, mas, por outro, é ele quem “encobre” o padre Bartolomeu até a “passarola” estar demasiado exposta, apoiando, assim, o seu sonho.**



## Capítulo XVI

- Referência à **injustiça da justiça e crítica à corrupção** que permite que “tarde perca quem deveria perder logo”. Narração do episódio da morte do infante D. Miguel, que, “injustamente, morre em vez de D. Francisco. Estas referências constituem um pretexto para aludir à contenda entre o Duque de Aveiro e a casa real, que se arrastava há anos e terminou com a restituição dos bens ao duque, incluindo a quinta de S. Sebastião da Pedreira - “Afinal sempre há justiça neste mundo”;

## Voo da passarola

- **Concretização do sonho de voar na “passarola”: os três sobrevoam as obras de construção do convento;**
- **Queda da máquina em Monte Junto;**
- Receios do padre relativamente ao Santo Ofício, caso este considerasse que havia ali “arte demoníaca”: fuga após tentativa de incendiar a máquina;
- Regresso de Baltasar e Blimunda a Mafra, depois de ocultarem a máquina voadora.

## Capítulo XVII

- Trabalho de Baltasar no convento;
- Relato das obras de construção do convento e das acomodações dos trabalhadores - ilha da Madeira;
- Referência a um terramoto em Lisboa;
- Baltasar viaja até Monte Junto para ver a máquina e a proteger de olhares alheios;
- Anúncio a Baltasar e Blimunda, por Domenico Scarlatti, da morte do padre Bartolomeu Lourenço em Toledo, Espanha.

## Capítulo XVIII

- Apresentação dos avultados gastos da coroa com o convento - **“se é do globo mundo que se trata e de império e rendimentos que impérios dão, faz o infante fraca figura comparado com este D. João”**, ou seja, é feita uma **alusão** ao Infante D. Henrique elogiado na obra *Mensagem*, de Pessoa. No entanto, apesar de o rei ter bastante dinheiro disponível para ser gasto no convento, o povo continua a viver miseravelmente (“pobre terra de analfabetos, de rústicos, de toscos artífices”);
- Há 8 anos que foi lançada a primeira pedra do convento, estamos, por isso, em 1725, e celebra-se uma missa. é dia de descanso e lazer. Da massa anónima de trabalhadores, alguns ganham voz como Francisco Marques, José Pequeno, Manuel Milho, entre outros, que partilham as suas histórias com Baltasar.

## Capítulo XIX

### Epopéia da Pedra

Transporte de uma pedra gigante destinada à varanda sobre o pórtico da igreja desde Pêro Pinheiro a Mafra, o que envolve 600 homens. Isto aconteceu, pois o rei não queria que essa varanda fosse construída por pedrinhas, mas sim por uma pedra como um todo, de forma a que se destacasse mais. Durante esta viagem de 8 dias, sucederam vários acontecimentos, como, por exemplo, a morte de Francisco Marques, um dos trabalhadores, esmagado por um carro de bois.

- O narrador menciona diversos nomes, cada um a começar por uma letra do alfabeto, incluindo todas de **A a Z**, de modo a **homenagear** todos aqueles que participaram na construção do convento e que não foram devidamente reconhecidos - heróis anónimos.

## Capítulo XX

- Deslocação de Baltasar e Blimunda ao Monte Junto para reparar eventuais estragos na máquina;
- Descrição da miséria e do esforço desumano dos trabalhadores do convento;
- Morte do pai de Baltasar, João Francisco Sete-Sóis.

## Capítulo XXI

- Referência ao divertimento favorito do rei, agora partilhado com os filhos D. Maria Bárbara e D. José: armar e desarmar a basílica de S. Pedro;
- D. João V manda chamar o arquiteto Frederico Ludovice, a quem manifesta o desejo de ver construída na corte uma igreja como a de S. Pedro de Roma. Assim, mais uma vez se observa o quão caprichoso o rei era. O arquiteto convence-o de que isso demoraria muito tempo e, portanto, não vale a pena, logo o rei investe noutro capricho: ampliar o convento para albergar 300 frades.
- Em 1728, o rei toma consciência da brevidade da vida e exige que a sagração da basílica de Mafra ocorra a 22 de junho de 1730, data do seu aniversário;
- Recrutamento involuntário de homens (de forma forçada e escravizante) para trabalhar no convento: o cortejo dos degredados.

## Capítulo XXII

- 1729: Celebração do casamento da infanta D. Maria Bárbara com o infante espanhol D. Fernando e de D. José com a infanta D. Mariana Vitória de Espanha;

- Reflexões de Maria Bárbara junto de sua mãe sobre as implicações que o seu nascimento teve na vida de milhares de pessoas, sintetizadas na máxima “nascer é morrer”.

## Capítulo XXIII

- Várias estátuas de santos chegam ao convento, tal como 30 noviços.
- Preparativos para o dia da sacração do convento;
- Última noite de amor entre Baltasar e Blimunda no curral da burra (contraste com as noites “de amor” do rei e da rainha cheias de preparativos e detalhes);
- Ida de Baltasar ao Monte Junto e seu desaparecimento acidental na “máquina voadora” (para se amparar de uma queda, ele enfia o gancho na argola que servia para afastar as velas, fazendo acionar o processo de ascensão da máquina).

## Capítulo XXIV

- Ida de Blimunda ao Monte Junto à procura de Baltasar;
- Homicídio do frade dominicano que tenta violar Blimunda;
- Chegada do rei e do patriarca de Lisboa para a sacração do convento ainda inacabado;
- Sacração do convento a 22 de outubro de 1730.


## Capítulo XXV

### Peregrinação de Blimunda durante 9 anos em busca de Baltasar

- Os recursos expressivos salientam o esforço contínuo de Blimunda enquanto procura Baltasar por toda a parte, a extensão percorrida pela personagem e o enorme desgaste físico:
  - Anástrofe: “Milhares de léguas andou”
  - Construção anafórica: “Já aqui estive, já aqui passei”
  - Ideia de repetição implícita: “recomeçou”, “reconhecia”
  - Uso do gerúndio: “andando”, “buscando”
  - Comparação: “A sola dos pés [...] fendida como uma cortiça”

Reencontro do casal, à sétima vez que Blimunda passa por Lisboa, quando Baltasar está a ser queimado numa fogueira da Inquisição.

**Dimensão simbólica do último “capítulo”:**



Durante nove anos, Blimunda, movida pelo forte amor que a une a Baltasar, procura incessantemente o seu companheiro.

O reencontro do casal ocorre num contexto marcado por uma elevada carga simbólica. Por um lado, está associado ao número sete, símbolo dos ritmos vitais, da sabedoria e do descanso no fim da criação. Por outro, acontece à noite, momento que funciona como prenúncio de morte. Também as referências do rio e da barca, por lembrarem o mito da travessia dos mortos na barca de Caronte, confirmam o clima fúnebre.

É no contexto de um auto de fé que a narrativa termina. Entre os 11 condenados à fogueira, encontram-se o dramaturgo António José da Silva, por respeitar a verdade histórica, e Baltasar. Pela primeira vez, Blimunda utiliza os seus poderes mágicos com o companheiro e liberta a sua alma: **“E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.”** ( No capítulo XII, Blimunda diz a Baltasar fora à missa em jejum, para ver o que estava dentro da hóstia e em vez de ver Cristo crucificado, viu uma nuvem fechada, o que a deixou a pensar que “entre a vida e a morte (...), há uma **nuvem fechada**”).